



Paciência e desprendimento são o segredo para curtir os Lençóis Maranhenses

Confira um roteiro especial para este lugar único no nordeste brasileiro

Gabriel Justo e Vitor Hugo Batista (Folhapress)

Basta a chuva ir embora dos Lençóis Maranhenses, em geral a partir de julho, que surgem vídeos de hordas de turistas visitando um dos mais novos patrimônios brasileiros da lista da Unesco. Os registros resumem como é visitar o lugar, que é único, mas que exige paciência e uma boa dose de desprendimento para ser desfrutado.

As três principais bases para visitar os Lençóis são as cidades de Santo Amaro do Maranhão e Barreirinhas, além de Atins, distrito de Barreirinhas que fica mais próximo do mar. A partir de São Luís, a viagem até essas bases pode demandar de três a cinco horas.

Mais perto da capital e também do parque, Santo Amaro viu crescer o turismo desde que a estrada que leva até ela foi asfaltada, em 2022. Abriga bem menos opções de hospedagem e de restaurantes. Em compensação, quem se hospeda por ali tem uma experiência mais raiz, além de estar mais perto das lagoas, a poucos quilômetros do centrinho.

Do outro lado do parque, na foz do



Marcelo Perillier

Passeio no Rio Preguiças tem várias paradas ao longo do trajeto de barco

rio Preguiças, fica Atins, a única base que também dá acesso ao litoral. O clima é quase rural, com touros, jegues e vira-latas caramelos vagando pelas ruas de areia, que tornam a mobilidade um desafio. Mas não se engane: é o camarote da região, com dezenas de beach clubs, restaurantes finos e hospedagens de alto padrão, com diárias que começam na casa dos R\$ 2.000 e passam de R\$ 5.000 com facilidade.

Uma vez em Atins, a principal dica é não se render às mordomias o tempo todo e reservar um tempo para curtir a porção mais a oeste da praia, onde ficam duas barracas mais tradicionais: o restaurante Estresse Zero e a Cabana do Pescador, que oferecem redários sobre a água e cervejas que não passam dos R\$ 20. Nas noites de sábado, toda a vila se reúne no Sabadão, com nativos e turistas se jogando no forró e no piseiro sem hora para acabar.

Já quem fica em Barreirinhas tem muito mais opções de pouso, alimenta-

ção e atrativos graças, principalmente, ao rio Preguiças, que corta o município e margeia o parque até a sua foz, em Atins. Por outro lado, especialmente na alta temporada, a cidade enfrenta trânsito e excesso de filas.

O caminho de Barreirinhas até as lagoas do parque leva pelo menos uma hora sacolejando na caçamba de 4x4 sobre estradas de areia. Aos poucos, as construções ficam para trás e vão surgindo areais ora inundados, ora cobertos por restinga, que então dão lugar ao campo de dunas a cena comove até os mais cínicos. Fazem falta, no entanto, orientações culturais e históricas sobre a região.

Em geral, os passeios podem durar meio dia ou o dia todo. Os banhos nas lagoas, tão esperados, podem ser curtos demais em relação ao tempo gasto para se chegar a elas o que dá para ser resolvido com um passeio privativo, mais caro, na casa dos R\$ 1.000.

A escolha entre os diferentes cir-

Com 150 mil hectares, os Lençóis Maranhenses, em Barreirinhas (MA), abrigam dunas, lagoas de água doce, áreas de restinga e manguezais

cuitos de lagoas pode ser difícil. Qual é a melhor para banho? Qual é a mais bonita? Bem, elas são todas parecidas: lindas e com águas cristalinas. Mas ao contratar os passeios, é válido informar à agência quais você já visitou, para garantir que não gaste dinheiro voltando às mesmas.

Outro passeio quase inevitável em Barreirinhas é o que desce o rio Preguiças rumo a Atins (R\$ 150 por pessoa). O roteiro inclui três paradas. A primeira, no povoado de Vassouras, onde macaquinhos interagem com os visitantes, que podem ainda tomar banho em uma lagoa dos pequenos lençóis, uma formação semelhante à do parque nacional, mas fora dele. A segunda é no Farol do Mandacaru, que oferece uma vista panorâmica da região a 35 metros (ou 160 degraus) de altura.

Praia de Caburé

A última parada é na praia de Caburé, faixa de areia de 250 metros entre o rio Preguiças e o mar. Para explorar a área com conforto, dá para alugar um quadriciclo (R\$ 180 por meia hora). Na praia estão barracas que servem bebidas, peixes e frutos do mar a preços salgados. Mas atenção: um peixe frito para dois sai por R\$ 180.

O passeio rio abaixo funciona como um citytour e oferece momentos de contemplação do rio Preguiças, com quase um quilômetro de largura. Mas não é nada imperdível e pode parecer uma arapuca por causa desses preços salgados e da qualidade do serviço.

O fato é que Lençóis vive em função da sazonalidade. Os turistas

costumam se concentrar de julho a setembro e somem no período em que as lagoas do parque não estão tão cheias e, depois, quando começam a estação de chuvas.

Para Marianne Costa, especialista em turismo sustentável, o problema também é um reflexo da maneira predatória como o turismo se estabeleceu na região.

“Tem muito a ver com a maneira como o destino foi promovido, com um discurso de que só vale a pena ir quando as lagoas estão cheias, o que não é verdade”, diz. “A fiscalização e a organização do fluxo é deficiente, o que prejudica a experiência de todo mundo.”

Para a secretária municipal de Turismo de Barreirinhas, Karla Gomes, superar a sazonalidade está entre os maiores desafios. Ela espera atrair eventos culturais e encontros corporativos nas outras épocas. A estratégia inclui ainda a divulgação de passeios que acontecem o ano todo, como os de flutuação no rio Preguiças (R\$ 110 por pessoa) e a visita a comunidades tradicionais.

A reportagem esteve no quilombo de Marcelino, a 40 minutos de lancha do centro de Barreirinhas. Lá, além de tomar um banho de rio em um afluente do Preguiças, o turista vê de perto como as artesãs transformam a fibra do buriti em bolsas, roupas, calçados e objetos de decoração.

Tudo é bonito e colorido. O tingimento da fibra com ingredientes naturais como salsa, urucum, açafrão, pariri e anil da terra, assim como o trançado, é a parte mais interessantes do processo. E a loja-nha é uma boa parada.

TURISMO SEM PRESSA

Saiba como o slow travel ganhou força no mundo

No turismo, a palavra de ordem agora é desacelerar. Depois de anos em que as pessoas corriam para “ver tudo” em poucos dias, o slow travel virou tendência global: viajar devagar, escolher menos destinos e mergulhar de verdade na cultura, na rotina e no ritmo de cada lugar. “É sobre valorizar o tempo, aproveitar o dia sem pressa, viver a experiência de forma intensa”, explica Júnior de Camargo, CEO da Top Transfer, que atua em Ilha Grande, destino que parece ter nascido para esse estilo de viagem.

O que é slow travel?

Mais do que uma forma de viajar, o conceito é quase uma filosofia de vida. Em vez de checklists apressados, o slow travel prioriza vivência, bem-estar e sustentabilidade.

Quem chega à Ilha Grande, na Costa Verde do Rio, entende na prática o conceito. A ilha não tem carros. Os passeios começam tarde, por volta das 10h. O café da manhã é demorado, a caminhada até o cais é sem pressa.



Divulgação/Top Tranfer

Conheça o destino secreto do Rio que é a cara da tendência

“Aqui tudo flui diferente. O contato é direto, as pessoas se encontram nas ruas, contemplam a paisagem até mesmo sem querer, a internet falha, às vezes até a luz. Isso faz com que o visitante se desconecte e viva a natureza”, diz Júnior.

Com mais de 100 praias, vilas de pescadores, trilhas, cachoeiras e ruínas históricas, a ilha convida a desacelerar e a mergulhar em um cotidiano que mistura simplicidade e intensidade.

O público é formado por pessoas

que querem melhorar a qualidade de vida, valorizar momentos de folga e se desconectar do digital. “São viajantes que procuram estar presentes, se reconectar com a natureza e com eles mesmos”, afirma Júnior.

Experiência que começa no trajeto

Na Top Transfer, empresa que conecta o continente à Ilha Grande, o espírito do slow travel já começa no transfer. Os veículos são porta a porta, com atendimento em português, inglês e espanhol. A travessia é feita em um cais exclusivo em Conceição de Jacaréi, sem filas, garantindo uma chegada tranquila.

Para Júnior, até o trajeto deve fazer parte da experiência. “Não é só transporte, é já entrar no clima da viagem com conforto e calma.”

Sustentabilidade no centro

O slow travel também é sobre cuidar do lugar que se visita. Em Ilha Grande, moradores e empresas incentivam práticas simples, como levar o próprio lixo de volta, não retirar nada das praias e usar copos reutilizáveis.

A Top Transfer apoia mutirões de limpeza e investe em frota de veículos híbridos para reduzir emissões de CO?. “Queremos promover nosso paraíso de forma responsável”, afirma Júnior.